

EDITORIAL

A edição do SulRural que tens em mãos, do mês de dezembro, é a 12ª do ano. Isso significa que, ao longo de 2008, buscamos levar aos produtores rurais gaúchos, dos mais distantes municípios do Estado, informações atualizadas sobre assuntos políticos e econômicos de interesse do setor rural e notícias da Farsul. Com isso, os agropecuaristas e leitores do SulRural se mantiveram informados ao longo do ano, em consonância com a política da casa de estreitar os laços com os associados e mantê-los envolvidos nas ações da federação.

Dezembro é tradicionalmente a época em que fazemos o balanço dos acontecimentos do ano. Em 2008, lestes nas páginas do Sul Rural diversas notícias, boas e ruins. O ano começou com o anúncio de embargo da União Européia à carne brasileira, que deixou os pecuaristas gaúchos receosos em relação ao que viria pela frente. Em seguida, veio a notícia da suspensão do bloqueio, desde que fosse atendida uma série de requisitos. Na edição de abril, foi relatado o evento no qual o vice-governador, Paulo Feijó, ouviu diversos relatos sobre violência e falta de segurança no campo. Por vezes, as manchetes se repetem e, nesta edição de dezembro, o tema volta a ser relatado, na página 9.

A invasão da Southall e os 15 anos do Senar, em abril; o encarecimento dos insumos da lavoura, deflagrado em maio, quando também foi assinada a medida provisória 432; os 15 anos da CPMI do Endividamento, em julho; a Expointer e seus desdobramentos, em agosto; a situação desesperadora a que chegaram os tricultores em outubro, entre outros temas, foram relatados nas páginas do jornal. Isso sem mencionar assuntos constantes e corriqueiros, como o apoio à campanha de vacinação do rebanho contra a febre aftosa, a luta por políticas para as lavouras de trigo e arroz, o acompanhamento dos plantios de verão, as invasões e ações do MST e o preço do leite.

O que isso tudo significa é que o Sul Rural é testemunha, dessa forma, do dia-a-dia do homem do campo e dos acontecimentos relacionados a ele. A missão do veículo é manter o produtor rural informado para que ele possa, assim, contribuir e participar das articulações do setor. Somente conscientes da realidade teremos a possibilidade de promover mudanças.

E a única certeza que podemos ter ao fim de mais um ano é que todas essas notícias – sejam ruins ou boas – continuarão a acontecer. Haverá, sim, bons momentos, de conquistas. Não podemos, no entanto, esperar que o ano vindouro será mais justo, mas devemos ter a coragem para enfrentar todos os problemas que surgirão. Mesmo que venham decretos que inviabilizem a produção no campo, quedas de preços das commodities, dívidas, estiagens e enchentes, estaremos sempre prontos a defender o produtor rural. Feliz 2009.

Recortes duma viagem sem muros

Blau Souza*

É muito bom viajar e dividir impressões com os amigos. Eu não conhecia o leste europeu e o fiz em plena crise mundial. Apesar disso, a intenção de retomar o fio da história, de esquecer guerras e anos cinzentos está evidente a cada passo. Desembarquei em Viena e percorri de ônibus Áustria, Hungria, República Checa, Eslováquia, Polônia e Alemanha. Viena, sem deixar de ser a histórica capital dos Habsburgos, está moderna e ávida por turistas. Seu Danúbio é menos azul, congestionado de embarcações. Comércio e indústria se recompõem cheios de cuidados ecológicos e a cultura é disputada por turistas. Conseguir lugar para uma apresentação dos cavalos tordilhos da Escola Espanhola de Equitação, por exemplo, implica em espera de até seis meses. E que várzeas sem fim, de terra preta, contemplei nos deslocamentos entre as cidades! São campos cultivados, sem erosão e irrigados apesar da ausência de represas. Feno enfardado, com ou sem proteção plástica, predomina na paisagem em que não faltam bosques com carvalhos, faias, abetos, pinheiros e outras árvores nativas. Vi grandes extensões apinhadas de caules de milho, cortados mecanicamente a uma mesma altura e com um mínimo de desperdício. Vi muita terra, muito campo, mas nenhuma vaca, ovelha, cavalo ou porco em toda a Áustria vista de uma janela de ônibus. Na entrada do inverno, com os campos rapados pelas máquinas, certamente os animais aguardam a alimentação e os cuidados nos estábulos vistos à distância. Na extensa Polônia,

muitas estradas ainda não estão prontas e as unidades de apoio são pequenas para o fluxo de turistas, mas seu povo vence dificuldades de comunicação e é todo calor humano e simpático. Próximo das cidades há intensa produção de maçãs e de vegetais. O gado de leite, e algum de corte, surge de quando em quando à volta de cochos de racionamento. Plantações de *Pinus*? Só vi nas regiões montanhosas da Eslováquia, país mais carente de investimentos e de progresso. No mais, há culturas se sucedendo numa terra preta pouco revolvida por máquinas e mais máquinas. Ao lon-

Tecnologia de vanguarda e respeito pela natureza fazem de Berlim a grande capital do ocidente no século XXI. E sobram mensagens anti-guerra, desde o muro derrubado até inscrições modestas como a do poeta Heine numa praça em que houve fogueira de livros: “Quem é capaz de queimar livros, acabará queimando pessoas”.

ge, gigantescos cata-ventos de hélices preguiçosas estão em todas as partes, sobretudo na Alemanha. Nesta, as auto-estradas são ainda melhores e a energia solar é aproveitada nas residências.

As capitais e cidades visitadas, como a bela Praga, estão cheias de história e de cultura. Monumentos relacionados ao fim de epidemias convivem com catedrais construídas na Idade Média e que se enchem de turistas e de fiéis bem mais fervorosos que os da Europa Ocidental. Cracóvia tem mais de

setenta igrejas e vive um turismo muito dependente da sua convivência marcante e prolongada com João Paulo II. Sem falar de Cestokova com sua Virgem Negra. Cidades modernas com *metrôs* de grande eficiência convivem com ruas estreitas e construções medievais. Carruagens tiradas por cavalos bem cuidados conduzem turistas em passeios sem pressa, cheios de nostalgia, por entre praças, palácios e catedrais góticas. Embarcações repletas de turistas sobem ou descem rios e lagos, com especial encanto para o Rio Danúbio em Budapeste. Berlim é um exemplo de reconstrução e, sobretudo, de idéias inovadoras. As áreas verdes e os espaços livres são a marca da cidade. Grandes espelhos concentram luz solar para iluminar centros comerciais. A filial da francesa Galeria Lafayette, por exemplo, tem vários andares, abaixo e acima do solo, contidos em duas pirâmides acopladas e invertidas que permitem uma circulação aérea natural, dispensando o uso de ar condicionado. Antigo hotel poupado pela guerra atrapalhava a construção do centro comercial: a solução foi deslocá-lo por setenta metros fazendo-o levitar, intacto, sobre câmara de ar. Tecnologia de vanguarda e respeito pela natureza fazem de Berlim a grande capital do ocidente no século XXI. E sobram mensagens anti-guerra, desde o muro derrubado até inscrições modestas como a do poeta Heine numa praça em que houve fogueira de livros: “Quem é capaz de queimar livros, acabará queimando pessoas”.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE

SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Div. Administração e Finanças
Carlos Alberto Schütz
Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes
Div. Planejamento e Projetos
Saulo Gomes

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila,
Marcelo Curia e arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
e Tiago Francisco
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170